

PROFISSIONALIZAÇÃO EM GERONTOLOGIA ¹

*Agostinho Both**

Resumo

O texto compreende um discurso analítico sobre a realidade daqueles que trabalham com os idosos ou com questões voltadas para o envelhecimento e a velhice, avaliando o atual perfil profissional e a oportunidade de pensar sobre sua formação e sua identidade. O autor acredita que a atual realidade profissional em gerontologia é incipiente e que a visibilidade da velhice e suas demandas ampliarão novos horizontes pela profissionalização dos serviços e pelos conhecimentos desta área. É observado que existe apenas um sistema profissional e um sistema de ocupações que aos poucos se delineiam no atendimento e no aperfeiçoamento social em relação ao envelhecimento e à velhice, e cuja formação é híbrida, não existindo, portanto, um profissional cuja formação seria formalizada num curso de graduação e com atribuições oficialmente reconhecidas. Ao final são levantadas questões para se pensar a possibilidade da existência de um profissional com formação específica em gerontologia.

Palavras-chave: Profissionalização. Gerontologia. Profissão.

1 Introdução

Para a elaboração deste texto entendeu-se de encaminhá-lo considerando-se alguns tópicos que poderiam aprofundar as discussões que envolvem a profissionalização em gerontologia. Não é pretendida uma posição sobre os estudos que compreendem esta preocupação.

* Professor da Universidade de Passo Fundo, RS. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: agoboth@terra.com.br

¹ Trabalho apresentado no Painele: *Profissionalização em Gerontologia*. VI Jornada de Inverno da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia – Seção RS (SBGG/RS), Gramado, de 26 a 28 de agosto de 2004.

2 A Questão da Construção Social da Velhice

Antes de falar em profissionalização em gerontologia, convém avaliar a própria velhice. O período que caracteriza a velhice segue os projetos sociais reservados a outros períodos etários que foram constituídos no decurso da história. A infância foi representada socialmente como período, não por força da natureza, mas por força de novos conceitos e novas atribuições. Ficou proposta uma nova ética, ou seja, um novo conjunto de relações, de papéis, de direitos e de deveres, configurando-se novas formas de constituição de identidade e formas de existir, concedendo-se um status de consideração e respeito para a criança a partir de 1700. Em período diferente, ocorreu o mesmo com a adolescência. Em cada período conquistado envolveram-se instituições, necessidades, estudos, experiências, legislações e interesses profissionais. O perfil de cada período ganhou visibilidades diferentes, envolvendo nem tanto os sujeitos do período em questão, mas principalmente instituições que se apresentaram ao esclarecimento do novo perfil.

A classificação dos períodos do curso de vida remete para uma construção emergente e a esforços para afastar preconceitos, evitando a violência em torno do período com o qual quer se firmar novos contratos sociais e novas formas de se olhar, de ser olhada, de se inserir, de ser atendida e de atender. Enfim, o período da velhice, que gira em torno dos 60 aos 100 anos, busca novas formas de identidade social e novas formas de identidade existencial. A história ocidental revela as dificuldades da construção da identidade dos mais velhos. Isto é percebido de forma contundente na obra de Simone de Beauvoir (1987).²

A presença social dos mais velhos, portanto, como uma categoria social carregada de desejos, necessidades, direitos e deveres, de papéis, de status, exigindo a alteração das instituições e a constituição de novas, está ainda em formação. A sua presença ainda não se esgotou, nem tampouco a sua forma de ser e de existir.

Uma vez que sua presença é inalienável ou seja não pode ser negada ou relegada, instituições e profissionais devem marcar sua presença de forma generosa. Assim, pelas descobertas, estudos atualizados e formas específicas e comuns de oferecer espaços, os mais velhos poderão ter uma visibilidade mais desejável por todos.

² BEAUVOIR, Simone de. *A Velhice*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1987.

3 A Questão da Ciência Gerontológica

Não vamos nos ater à história da gerontologia e da geriatria, o que seria muito demorado. Mas, curiosamente ela toma vulto quando começa a alteração da população na Europa. A medicina e a psicologia se ocupam inicialmente em definir questões que envolvem a saúde – Charcot e Ball³; Nascher⁴; Hall⁵. Estes três autores são visitados por Lehr e preocuparam-se em avaliar o desenvolvimento específico desta faixa etária. Dessa maneira podemos dizer também que a Gerontologia como área de conhecimento é incipiente e as diversas ciências também estão constituindo-a por causa dos regimes de poder das diversas áreas de conhecimento.

O envelhecimento e a velhice, no Brasil, como área de saber, ou mais simplesmente, a origem da gerontologia como disciplina emergente e espaço de conhecimento, é uma área que advém também da mudança do perfil demográfico, da pressão social, particularmente dos idosos. Não se pode negar, neste sentido, as políticas emergentes e patrocinadas, de modo especial, por pessoas sensíveis aos direitos humanos, a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia, a Associação Nacional de Gerontologia, as universidades e os trabalhadores da gerontologia que solicitam conhecimentos e procedimentos éticos nas atividades profissionais nesta área. A ciência gerontológica, por sua vez, tem se apresentado de uma forma multidisciplinar e interdisciplinar, e como consequência tem se estendido significativamente, embora não tanto quanto o necessário. Tem se apresentado com vínculos em outras áreas de saber, e mesmo os profissionais e estudiosos que buscam o esclarecimento em pesquisas estão assentados em áreas que mais proximamente dizem respeito ao envelhecimento.

De fato, a gerontologia parece ter a pretensão de abarcar “tudo” o que diga respeito a seu objeto – o “idoso”. Sob o pretexto de uma abordagem “holística” ou “biopsicossocial”, a ciência do envelhecimento parece ter como projeto algo sem precedente no campo das ciências biomédicas ou do comportamento humano: uma perfeita integração interdisciplinar (GROISMAN, 2002).

³ CHARCOT, Jean-Martin; BALL, Benjamin. *Leçons cliniques sur les maladies des vieillards et les maladies chroniques*. Paris: [s. n.], 1881. Apud LEHR, 1980, p. 28.

⁴ NASCHER, Ignatz Leo. Geriatrics. *New York Medical Journal*, New York, v. 90, p. 358-359, Aug. 1909. Apud LEHR, 1980, p. 28.

⁵ HALL, Granville Stanley. *Senescence: first large survey of psychology of elderly*. New York: D. Appleton, 1922. Apud LEHR, 1980, p. 28.

Psicólogos, sociólogos, assistentes sociais, médicos, biólogos, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, professores de educação física buscam olhar o envelhecimento humano de seu ponto de vista. Isto significa que a gerontologia ainda não se constitui em uma área de conhecimento auto-determinado. Sobre isto, Groisman (2002, p. 3) afirma:

A gerontologia parece ter problemas internos na sua formulação como campo de saber, que parecem comprometer sua consolidação como profissão e seu reconhecimento como disciplina científica... Ela se dividiria em duas subáreas: a geriatria e a gerontologia social. A geriatria seria o ramo da medicina que visa tratar as doenças associadas ao processo de envelhecimento. Já a gerontologia social incorporaria uma série de disciplinas, tais como a psicologia, o serviço social, o direito, a nutrição e outras, para o estudo do envelhecimento.

Assim a gerontologia careceria de luz própria enquanto ciência formal, capaz de olhar a velhice desde seu ponto de vista e, capaz de olhá-la de uma forma complexa e responsável. Possivelmente jamais conseguirá chegar a tornar-se auto-suficiente, pois as diversas ciências que buscam responder sobre a velhice também avançam de forma autônoma.

Assim o político diz que a gerontologia é uma preocupação política, o psicólogo uma preocupação psicológica, o sociólogo uma preocupação social, o enfermeiro uma preocupação da saúde, o pedagogo, da pedagogia. E qual seria o olhar do gerontólogo? Teria ele um conhecimento multidisciplinar capaz de responder de forma consistente a partir de um olhar interdisciplinar e, não apenas multidisciplinar, e assim, capaz de reunir as várias ciências de uma forma orgânica e congruente e também de, a partir de um ponto de vista abrangente, propor intervenções mais adequadas?

A definição de papéis e a visibilidade dos períodos da velhice vistas pela sociologia e antropologia, a solidão e os efeitos das limitações da linguagem social vistos pela psicologia, o processo educacional considerado pelos educadores, a ocupação dos espaços sociais e a aposentadoria olhadas pela política e a economia, o universo da saúde e o desgaste na velhice olhados pela medicina e biologia, a força e o movimento considerados pela educação física e a fisioterapia, a comunicação a ser aperfeiçoada pela fonoaudiologia, os cuidados e os cuidadores sob o olhar dos enfermeiros, a demografia

analisada pela estatística, etc, aos poucos delineiam o universo do envelhecimento e da velhice.

É certo que a diversidade de estudos, de interesses, de abordagens não inibem o desenvolvimento da ciência do envelhecimento, ao contrário, legitimam a compreensão de um novo objeto científico e um novo espaço profissional.

4 A Questão da Profissionalização em Gerontologia

Se a população idosa está com suas especificidades e necessidades, é natural de se entender que não somente as ciências estejam atentas às questões do envelhecimento. Esta categoria social, face ao direito de existir com dignidade e de modo especial, no atendimento e nas relações satisfatórias consigo mesmo, com os outros e o com seu entorno, apresenta demandas cada vez maiores. Isto se dá em razão do avanço da longevidade relativa e do volume populacional, o qual compete com outras demandas sociais. Quem, portanto, atenderá estas demandas? Qual o perfil dos responsáveis por prover o bem-estar biopsicossocial desta população? Como atualmente se apresentam os esforços no atendimento deste universo de solicitações?

As observações dão conta da existência de um sistema profissional e um sistema de ocupações que, aos poucos, se ampliam no atendimento e no aperfeiçoamento social em relação ao envelhecimento e à velhice. Na verdade, ainda não existe uma profissão que toma conta destas novas demandas, sendo seu atendimento oferecido por profissionais de diversas áreas que atuam isoladamente ou, em poucos casos, de forma multi-profissional e, menos ainda, de forma interdisciplinar. Sobre a importância da questão interdisciplinar concorda-se com as posições de Fazenda (1993).⁶ Os profissionais de gerontologia, pois, ainda são de formação híbrida, tendo cada qual seu olhar sobre esta população a partir da origem de sua formação. Existem portanto o médico-geriatra, o enfermeiro-gerontólogo, o psicólogo-gerontólogo, o educador-gerontólogo e assim por diante.

Lopes (2000, p. 51), no Brasil, não considera apenas a questão profissional, mas aponta para a “[. . .] profissionalização que implica não a formação em si de uma profissão, mas a emergência, a consolidação e o desenvolvimento de um grupo profissional.”

⁶ FAZENDA, Ivani C. *Interdisciplinaridade: um projeto em parceria*. São Paulo: Loyola, 1993.

Neste sentido, ela considera o grupo profissional emergente como dotado de práticas profissionais e de estratégias com a finalidade de criar uma identidade coletiva. A construção do conhecimento, deste grupo profissional, em busca de uma identidade coletiva, não passa por caminhos formais já instituídos. Se, ao contrário, pensássemos em uma profissão de gerontólogo significaria analisar qualificações, e competências intelectuais, científicas e técnicas, bem como sua regulamentação oficial, em espaços da legislação em âmbito do congresso nacional e outras esferas.

Lopes vai adiante com esta idéia e afirma, citando Sá,⁷ o seguinte:

Não temos ainda o profissional da gerontologia, mas o médico, o assistente social, o psicólogo, a enfermeira e tantos outros profissionais ‘especializados’, através de concursos em sociedades científicas ou através da pós-graduação em universidades. Não existe um curso de graduação em Gerontologia, nem tampouco uma profissão reconhecida legalmente. [...] Quando um psicólogo-gerontólogo, por exemplo atua no campo do envelhecimento, a quem de fato corresponde o processo de intervenção – à Psicologia ou à Gerontologia?

Segundo Lopes (2000), no Brasil, a entidade social responsável por especializar, além das universidades, é a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG), a qual tem como preocupações maiores:

- a) a formação de seus sócios especialistas;
- b) a cooperação com outras instituições de investigação na área do envelhecimento;
- c) a demonstração de competência em provas de títulos, de conhecimento e ou de reconhecimento da formação de especialistas na área do envelhecimento;
- d) o zelo pela ética, pela eficiência técnica, e sentido social no exercício profissional da geriatria e a gerontologia;
- e) o estímulo a iniciativas de ações sociais de proteção à velhice fragilizada e da inserção social de todos os idosos.

⁷ SÁ, Jeanete Liasch Martins de. Gerontologia e Interdisciplinaridade: fundamentos gerontológicos. In: NERI, Anita Liberalesso; DEBERT, Guita. Grin. (Org.). *Velhice e Sociedade*. Campinas: Papyrus, 1999. P. 223-232. Apud LOPES, 2000, p. 51.

Poderemos avançar na questão da profissionalização em gerontologia ao pensarmos que outros trabalhadores dão conta de atividades que envolvem os idosos, sem, entretanto, possuírem o título de especialistas. A precipitação do envelhecimento, como demanda social, faz com que também se precipitem formas emergentes de formação para seu atendimento. Precipitam-se, a necessidade de atendimento de programas municipais em atenção ao idoso saudável, a organização de formas de atendimento aos cuidadores em domicílio e em casas de longa permanência, a atenção de idosos portadores de necessidades especiais, de atenção às famílias com configurações diferentes em razão da longevidade de seus membros, a revisão das características da educação formal como espaço de prevenção e construção de uma velhice saudável, as alternativas de inserção social após a aposentadoria e a efetivação do estatuto do idoso em atenção aos seus direitos. É perfeitamente compreensível que os ajustes sociais não acontecerão sem a preparação de recursos humanos.

Temos, assim, a necessidade de diversos caminhos para a formação trabalhadores no sistema profissional em gerontologia, além da formação oferecida pelas universidades em cursos de pós-graduação e pela concessão de título de especialista pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia. Neste sentido podemos avaliar alguns caminhos, a partir de Doll (2002, p. 1125):

- a) a formação profissional em cursos de graduação tradicionais; neste sentido, o mesmo autor aponta para as dificuldades da formação gerontológica nos diversos espaços curriculares ao afirmar:

A perspectiva do currículo como um campo de luta entre interesses e poderes oferece, na minha opinião, uma explicação interessante para as dificuldades da inclusão de conteúdos sobre o envelhecimento. Seguindo esta perspectiva, o espaço nos currículos de graduação seria já ocupado por ciências, disciplinas, áreas e subáreas, as quais não estão interessadas em ceder espaço para uma temática nova, como o envelhecimento, que poderia diminuir ou até ameaçar seu lugar.

E esta luta também não é uma luta abstrata ou teórica, mas uma luta bem concreta de pessoas e grupos, para os quais a inclusão nos currículos significa vagas a serem ocupadas, horas-aula, gratificações, etc. (DOLL, 2002, p. 4).⁸

- b) a formação de profissionais em cursos de Pós-graduação *stricto e lato sensu*;
- c) a formação em atenção aos idosos em cursos de extensão, nas universidades.

Pode-se pensar, além destes meios de formação gerontológica, o aperfeiçoamento de trabalhadores da terceira idade em congressos, seminários e outros eventos na área gerontológica. A formação pode ser obtida, também, através do concurso de provas e títulos da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia.

O sistema profissional em gerontologia começa a se tornar amplo e, em diversas direções, em razão da complexidade do atendimento.

5 A Questão da Profissão de Gerontólogo

Para se pensar uma profissão, qualquer que seja o grupo profissional, alguns requisitos são necessários.

Conforme Bonelli⁹ em Lopes, os estudos iniciais sobre a sociologia das profissões estiveram interessados em classificar as profissões segundo a existência de um corpo organizado de conhecimentos dominado por um grupo constituído por pessoas preparadas num sistema de ensino, com seleção prévia e possuísse um conjunto ético orientador de condutas para sua profissão. Em segundo lugar, este grupo organizado concebe-se como capaz de oferecer serviços relevantes e sua autoridade reside no conhecimento já dominado para solução do campo de necessidades sociais e pessoais a que se destina.

⁸ DOLL, Johannes. O Tema “Envelhecimento” na Graduação: algumas questões curriculares. In: FÓRUM GAÚCHO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR COM AÇÕES VOLTADAS AO ENVELHECIMENTO, 1., Santa Maria, 2002. 7 f. Não publicado.

⁹ BONELLI, Maria da Glória. *Identidade Profissional e Mercado de Trabalho dos Cientistas Sociais: as ciências sociais nos sistemas das profissões*. 1993. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993. *Apud* LOPES, 2000, p. 54.

Com base em Bourdieu,¹⁰ Lopes afirma “[. . .] o cerne da questão não é mais o atendimento às necessidades sociais, mas a imposição destas necessidades e dos formatos dos serviços prestados.” (2000, p. 47). Parece haver o lado egoísta das profissões, cada qual buscando a defesa de seu patrimônio científico e de seu mercado de trabalho. O campo profissional e científico faz com que os agentes de cada campo ocupem posições e seus integrantes buscando defender seus lugares sociais e suas conquistas. “Nessa luta está em jogo o monopólio da capacidade técnica e o poder social, definidos como autoridade científica ou competência científica, em que é socialmente outorgado a um agente determinado a capacidade de falar e de agir legitimamente, isto é, de maneira autorizada e com autoridade.” (LOPES, 2000, p. 49).

A gerontologia não se constituiu ainda em um campo científico e profissional específico, mas poderíamos pensar na profissão de gerontólogo? Será oportuno pensar? Existe um corpo de conhecimentos para dar consistência à graduação de um profissional? Existe demanda social para um profissional com formação específica em gerontologia? Quais os conflitos de interesse a serem superados? Existem já as condições para os profissionais de formação híbrida sair de seu campo profissional e ter a coragem de efetivar uma profissão que seja oportuna, eficaz, consistente cientificamente e socialmente significativa? Seria a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia o espaço social reivindicador de tal formação? Uma vez que para compor uma profissão, diversos autores afirmam ser necessário a universidade oferecer um título de graduação, mas, haveria interesse universitário para compor um quadro curricular capaz de preparar um profissional nesta área? Qual seria o perfil profissional e quais as atribuições desta carreira?

Seria uma profissão cuja formação considera a prevenção?

Seria uma profissão que considera a proteção e a ajuda na vulnerabilidade?

Seria uma profissão para a educação e organização de alternativas pedagógicas e sociais para as mais diversas demandas na área gerontológica?

Seria uma profissão coordenadora de atividade para a promoção das dimensões biopsicossociais do envelhecimento e da velhice? Seria uma

¹⁰ BOURDIEU, Pierre. O Campo Científico. In: ORTIZ, Renato (Org.). *Pierre Bourdieu: Sociologia*. Tradução: Paula Monteiro e Alicia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983. P. 122-155. (Col. Grandes Cientistas Sociais, n. 39). *Apud* LOPES, 2000, p. 47.

profissão que integraria parceiros de outras profissões para a promoção e solução de problemas gerontológicas de uma forma integrada e holística?

Na direção destas perguntas associa-se Groisman (2002) com as seguintes preocupações.

A questão das identidades profissionais ainda parece esbarrar em um outro tipo de conflito, que é a coexistência da gerontologia com as diversas disciplinas já estabelecidas e que de alguma forma foram utilizadas para compor o seu corpo de saber. Sobre isso, Sá (1999, p. 224) pergunta-se: “[. . .] quando um psicólogo-gerontólogo, por exemplo, atua no campo do envelhecimento, a quem de fato corresponde o processo de intervenção – à psicologia ou à gerontologia? [. . .] Existem de fato uma teoria e uma metodologia próprias da gerontologia?”. Continuando com sua argumentação, a autora “lamenta” o fato de a gerontologia ser considerada uma mera especialização, e não uma profissão, pois não existe, no Brasil, curso de graduação em gerontologia/geriatria, nem tampouco uma profissão reconhecida legalmente. Para ela, a gerontologia não seria uma ciência formal, mas uma “ciência técnica”, com um campo específico de aplicações, assim como a medicina e a engenharia, por exemplo (GROISMAN, 2002).

Considerando que a profissão de Gerontólogo, dada como forma regulamentada pelo Ministério da Educação (MEC) e Secretaria de Educação Superior (SESU) e Conselho Nacional de Educação (CNE), legislada pelas casas da Câmara Federal e Senado e sancionada pelo presidente, ainda não existe, haverá interesse em encaminhar esforços para atingir a regulamentação e o registro legal? Quem encaminhará os esforços curriculares e os esforços legais para estar autorizado e oferecer autoridade a esta possível profissão: a de ser gerontólogo?

Quando poderíamos falar da profissão de gerontólogo e quais suas atribuições profissionais?

Quando a sociedade articulada às sociedades representantes desta área profissional entender da importância social de um gerontólogo com formação específica, quando entender da oportunidade desta profissão, quando tiver clareza razoável de suas atribuições e competências profissionais, quando as universidades tiverem disposição e forem capazes de oferecer uma grade curricular de conhecimentos formais em gerontologia; então poderemos pensar mais seriamente sobre a profissão do gerontólogo.

6 Conclusão

Com certeza, pode-se afirmar que ainda é cedo para se pensar de uma forma universal sobre o gerontólogo como um profissional de formação específica. Embora que algumas universidades estejam oferecendo cursos de graduação em gerontologia, parece haver muitas dúvidas pendentes sobre a oportunidade desta formação. Muitos parecem ser os limites que se impõem, tais como o sobreamento com algumas especialidades, as quais também têm a responsabilidade de coordenar esforços públicos e particulares e de encaminhar o desenvolvimento de grupos sociais excluídos ou em dificuldades para integrar-se socialmente. O que, porém, não se pode afastar é o acúmulo de conhecimentos e de esforços no sentido de ampliar-se a visibilidade dos mais velhos, podendo, cada vez mais, haver a solicitação da presença de um profissional com conhecimentos formais na área gerontológica, dando conta deste universo em formação e oferecendo sua identidade profissional como aposta absoluta na vida e na gestão social dos mais velhos.

PROFESSIONALIZATION IN GERONTOLOGY

Abstract

The text consists of an analytical speech about the reality of those who work with the elderly or with issues directed to aging and old age, by assessing the current professional profile and the chance to think about their shaping and their identity. The author believes that the current professional reality in gerontology is incipient and that the visibility and the demands of old age will widen new horizons by means of professional services and the knowledge of this field. One notices that there is only one professional system of occupations which little by little are outlined in the service and in the social improvement regarding aging and old age, and whose shaping is hybrid and, therefore, there is no practitioner whose shaping would be formalized by a graduation course, and with officially accredited assignments. Questions are raised in the end in order to think about the possibility of practitioner with a specific major in gerontology.

Keywords: Professionalization. Gerontology. Profession.

REFERÊNCIAS

DOLL, Johannes. Planejamento e Avaliação de Programas Educacionais, visando à Formação de Recursos Humanos em Geriatria e Gerontologia. In: FREITAS, Elizabete Viana de. *et al.* (Org.). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. P. 1125-1133.

GROISMAN, Daniel. A Velhice, entre o Normal e o Patológico. História, Ciências, Saúde. *Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 61-78, jan./abr. 2002.

LEHR, Ursula. *Psicologia de la senectud*. Barcelona: Editorial Herder, 1980.

LOPES, Andrea. *Os Desafios da Gerontologia no Brasil*. Campinas: Alínea, 2000.

SÁ, Jeanete Liasch Martins de. A Formação de Recursos Humanos em Gerontologia: fundamentos epistemológicos e conceituais. In: FREITAS, Elizabete Viana de. *et al.* (Org.). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. p. 1119-1124.